

A PSICOPEDAGOGIA E O FRACASSO ESCOLAR: OLHARES RELACIONAIS NO FOCO DA PREVENÇÃO

***Psycho-Educational attendance and school failure: views
Related to Prevention***

Reinaldo José de Lima¹

RESUMO

Este texto se propõe a tecer um diálogo a partir das possibilidades da psicopedagogia atuar como forma/contribuição de prevenção ao fracasso escolar. Para isso, buscou-se elementos históricos que pudessem contribuir para o entendimento e a compreensão de como vem se configurando, ao longo das décadas, a estrutura do fracasso escolar – uma quase institucionalização. O viés histórico, a análise contemporânea da sociedade, da escola e da família, serão os elementos principais dessa proposta de entendimento, que partirá de uma visão relacional, tendo o meio social como principal direção e assim entendido a inserção da família e da escola neste contexto. Finalmente estes aspectos analisados estarão em junção com as possibilidades de atuação da psicopedagogia. Mais do que uma concretização de respostas, o texto que se segue tem a configuração ímpar e despretensiosa de iniciar um diálogo com autores e pensadores acerca das possibilidades da psicopedagogia no campo da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, psicopedagogia, fracasso escolar

ABSTRACT

This work is proposed to make a dialogue about the possibilities of psycho-educational attendance act as a form / contribution to the prevention of school failure. Therefore, we sought historical elements that could contribute to the understanding of how the structure of school failure has occurred through time – being almost an institutionalization. The historical bias and the analysis of contemporary society, school and family will be the main elements of this proposed agreement, which is related to a relational view and has the social environment as the major direction, considering the inclusion of family in this school context. Finally, these aspects will be analyzed with the possibilities of action of psycho-educational attendance. More than a realization of answers, this work intends to initiate a dialogue with authors and researchers about the possibilities of psycho-educational attendance for the students' learning.

KEYWORDS: Education, psycho-educational attendance, school failure.

¹ Formado em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCP). Especializando em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: UM NOVO OLHAR SOBRE A CRIANÇA

Na busca por uma maior compreensão e caminhos para as questões que envolvem o fracasso escolar, faz-se necessário tecer considerações sobre o contexto histórico que, ao longo dos últimos dois séculos, foi delineando o processo que tem, nos dias de hoje, ligação direta com o mau desempenho de crianças nos espaços escolares.

Nesse caminho histórico somente a partir do século XVII é que se inicia uma pequena, mas não menos considerável mudança na estrutura de organização de família e conseqüentemente no espaço assumido pela criança. Nesta perspectiva, Bossa (2002, p. 41) afirma que o termo criança representou o surgimento de um novo sentimento: o relativo à infância.

Esse longo processo de mudança de visão com relação ao ser que, na Idade Média, não existia variação de comportamento em lidar com o mesmo e ainda acreditava-se não ter personalidade, aliado às informações acima sobre as mudanças no século XVII, mostra claramente que o conceito de infância foi uma construção histórica.

Bazílio e Kramer (2003, p. 87) reforça essa idéia afirmando:

Em primeiro lugar, lembro que a idéia de infância surge no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais. Sabemos que a idéia de infância, da maneira como hoje a conhecemos, nasceu no interior da burguesia. Era a idéia de uma criança que precisava ser “moralizada” e “papurizada”, esse duplo modo de ver a infância, de que falava Áries. Mas sabemos também da miséria das populações infantis naquela época, do trabalho escravo e opressor que desde o início da Revolução Industrial as condenava a não serem crianças. A modernidade já assistia a inúmeras cenas de meninos trabalhando, explorados em fábricas, minas de carvão, nas ruas.

O contexto citado por Bazílio e Kramer traz o cenário da Revolução Industrial no final do século XVIII e início do século XIX, quando as formas de produção se configuravam numa nova forma de organizar a vida social. Neste sentido Bossa (2002, p. 45) entende que:

A partir das exigências feitas pelas sociedades industriais, de homens produtivos adaptáveis aos progressos da ciência e da tecnologia, o aprendizado artesanal cedeu lugar ao ensino profissionalizante baseado na técnica e surgiu uma nova expectativa em relação à criança: um ser em desenvolvimento, ativo e espontâneo. Essa idéia de um ser prático, voltado para a ação, dá origem a uma educação ativa, em que o jogo e o trabalho vão fazer parte dos procedimentos educativos. Para que se pudesse estimular adequadamente essa criança, ela deveria ser respeitada em sua individualidade.

A autora vem reforçar o entendimento das mudanças que são iniciadas a partir das transformações da então nova sociedade industrializada e movida pelo lucro, fato que seria

recorrente nos séculos seguintes e ativos até os dias de hoje. É neste contexto que se iniciam as primeiras formas de ensino, sendo que um sistema educacional surgirá apenas no início do século XX, distante e tão próximo ao mesmo tempo dos nossos contemporâneos dias, que nos levam ao longo dessas linhas a dialogar sobre o fracasso escolar de alunos inseridos neste sistema de algumas décadas de estruturação.

Nesse processo temos ainda, a partir da segunda metade do século XX, a ampliação da visão da criança. Entra em cena a psicologia do desenvolvimento a partir dos estudos da Escola Nova, incorporando a idéia do trabalho à rotina dos alunos que, a esta altura, estão sendo preparados para sua incursão no meio produtivo industrializado, mecanizado. A criança, portanto deveria passar por todo um processo educativo que o prepararia para o futuro, educada a partir de regras de conduta de modo a poder viver em sociedade. E assim a visão da família em relação à criança está mudada – em comparação com as décadas anteriores. Agora, essa nova visão de infância é seguida de uma nova composição familiar e escolar, tudo a partir da concepção da sociedade burguesa advinda das transformações industriais.

Assim sendo, a instituição escola que é estruturada com o objetivo de promover a melhoria das condições de vida dos sujeitos inseridos na sociedade moderna, termina por contribuir também para o aumento da desigualdade e para o aumento do abismo social presente nos países de terceiro mundo, dentre eles o Brasil.

Perpassamos pelo segundo eixo que será analisado por este texto com a proposta de situar o olhar do psicopedagogo em relação ao fracasso escolar: a família. Foi construída uma pequena contextualização histórica que colocou as mudanças de visões em relação à infância, seguindo até a estruturação da escola como sistema de ensino a atender as demandas e necessidades de uma sociedade capitalista em que a escola possui papel fundamental na preparação dos indivíduos / sujeitos que farão parte da massa propulsora da produção econômica.

Mas e a escola? Cumpre ela o papel de possibilitar ao aluno o desenvolvimento crítico da realidade? Estaria ela cumprindo seu objetivo de estar possibilitando a diminuição das diferenças e da desigualdade socioeconômica?

Ainda em diálogo com Bossa (2002, p. 19):

No Brasil, a escola torna-se cada vez mais o palco de fracassos e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade, a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro. É curioso observar o modo como os educadores, sentindo-se oprimidos pelo sistema, acabam por reproduzir essa opressão na relação com os alunos.

As considerações de Bossa levam ao início das análises sobre os fatores que configuram o que seriam as causas do fracasso escolar – temática ao qual aprofundaremos nas próximas linhas. E neste sentido é extremamente importante reiterar a necessidade de estar, enquanto educadores – e alunos que interagem com novas propostas de aprendizagem como a da psicopedagogia como especialização – analisando sempre o contexto histórico, tanto o que o aluno/sujeito está inserido, assim como os contextos que, no passado, até os dias de hoje configuraram toda uma estrutura que possui interligação em fatos opiniões e idéias e que servem de estrutura de análise na busca por novos caminhos.

2 O FRACASSO ESCOLAR

Conforme análise anterior pode-se afirmar que a idéia de fracasso escolar só surgiu a partir da escolaridade obrigatória a partir do século XIX, em função das mudanças econômicas e estruturais da sociedade, como reitera Cordié *apud* Bossa (2002). É neste contexto – a escola – que o sujeito irá ser monitorado, disciplinado e preparado, e conseqüentemente estará demonstrando suas necessidades, suas angústias e desilusões, a partir de um sistema contextualizado em uma época em que o dinheiro e o reconhecimento social são elementos fundamentais para ser reconhecido, respeitado e visto.

E assim se configura a escola, ao longo desses séculos que nos constituíram como sociedades. Assim o é, ainda hoje, a escola. E, dessa forma, aliada às grandes mudanças e transformações tecnológicas – desde as primeiras formas de agricultura, passando pela revolução industrial e pelo desenvolvimento da informática, a partir da segunda metade do século XX – da História Moderna -, nos deparamos, hoje, com vários problemas que surgem, minam, afloram nas salas de aulas, nos espaços escolares em geral. E um desses é o fracasso escolar, sobre o qual se pretende tecer aqui algumas considerações.

Nesta perspectiva Weiss (2004, p. 16) afirma que: “Considera-se como fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Essa

questão pode ser analisada e estudada por diferentes perspectivas: a da sociedade, a da escola e a do aluno.”

A autora chama a atenção para o fato de que o início de uma análise sobre o fracasso escolar necessita ter o olhar abrangente para o meio em que o aluno está inserido. Não se pode focar o fracasso escolar tão somente sobre o aluno. Há todo um universo ao redor do mesmo que implica em estar atento também a outras perspectivas que possibilitem este estudo, sendo elas a escola, a sociedade e também o aluno, tal constatação é reiterada por Weiss (2004) e será apresentada na forma de tópicos para facilitar a visualização e conseqüente reflexão.

3 A SOCIEDADE

Uma visão mais ampla e necessária no sentido de compreender a relação do aluno a esta sociedade em que está inserido, se propõe em termos de construção de conhecimento entre este e a realidade em que está envolvido. Haveria uma preocupação com o conhecimento que traz de seu meio? Haveria a preocupação em estar conciliando esse conhecimento ao que foi historicamente construído através da História pelas sociedades que nos precederam? Por isso localizar esse meio, interagir com o mesmo, possibilitar a fala do sujeito que de lá chega é uma preocupação que considero um dos motivos do fracasso escolar. Mas lembrando sempre, não é este o único, há uma interligação que precisa ser esmiuçada e analisada com afinco. Weiss (2004) afirma ainda que:

No diagnóstico psicopedagógico do fracasso escolar de um aluno não se podem desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as oportunidades reais que determinada sociedade possibilita aos representantes das diversas classes sociais. Assim, alunos de escolas públicas brasileiras provenientes das camadas de mais baixa renda da população são freqüentemente incluídos em “classes escolares especiais”, considerados pertencentes ao grupo de possíveis “deficientes mentais”, com limites e problemas. (p. 16)

Ainda no diálogo/leitura das idéias de Weiss (2004), a mesma traz a segunda perspectiva que é justamente a da análise da instituição escola, em seus diferentes níveis, como sendo a maior contribuinte para o fracasso escolar. Ora, entra-se agora no campo que pode ser considerado como a parte mais polêmica de toda a questão: a escola.

4 A ESCOLA

Legitimado como espaço onde o conhecimento historicamente produzido seria socializado por entre as gerações, possibilitando assim que o sujeito estivesse preparado

para entender, compreender, ter uma visão crítica da sociedade e que pudesse transformar esta em sua essência quantas vezes fossem necessárias. Utopias à parte, não é isso que vem acontecendo há muitas gerações – talvez fosse justo afirmar que desde as primeiras estruturas pós-revolução industrial, o conhecimento que deveria ser socialmente e democraticamente socializado ainda está nas mãos das elites. Deve-se reiterar ainda que o fato da instituição Escola não cumprir suas metas, seus objetivos não pode ser analisado de forma isolada. A escola é, por natureza, o espaço onde se reflete a sociedade. Quem transforma a escola é a sociedade. Busco em Weiss (2004, p.16) um olhar que adentra os muros da escola e das salas de aula buscando o foco na figura do mediador deste conhecimento em relação aos alunos:

Professores em escolas desestruturadas, sem apoio material e pedagógico, desqualificados pela sociedade, pelas famílias, pelos alunos não podem ocupar bem o lugar de quem ensina tornando o conhecimento desejável pelo aluno. É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender. O ato de ensinar fica sempre comprometido com a construção do ato de aprender, faz parte de suas condições externas. A má qualidade do ensino provoca um desestímulo na busca do conhecimento.

Compreender o contexto sociocultural, as características, visões e ações do mundo, inserindo o espaço escolar neste contexto – nunca o desvinculando – configura-se como uma necessidade básica e estrutural para que possamos compreender de forma global e relacional o fracasso escolar. E embora o recorte feito acima da fala de Weiss esteja diretamente ligado à esfera pública de ensino, faz-se necessário registrar que tal desestrutura afeta também – em grande maioria – as escolas privadas. O que as diferencia mais fortemente são questões ligadas a recursos financeiros, mas muito da desqualificação pela sociedade, famílias e alunos também está presente entre as paredes erguidas do ensino privado.

Para completar e concluir o recorte proposto para análise chega-se ao terceiro aspecto: a família.

5 A FAMÍLIA

Sendo parte integrante do contexto de sociedade que vem sendo analisado nas linhas de pensamento acima, a família torna-se elemento fundamental nesse terceiro eixo de análise em torno do fracasso escolar. Condições econômicas foram comprometidas principalmente nas últimas décadas a partir da globalização e do início de uma nova economia liberal, ou seja, o neoliberalismo, que a partir do anos 80 começou a ganhar espaços continentais com seu ideário de economias de mercado livres. As sociedades

capitalistas, principalmente as de terceiro mundo, tiveram sua renda domiciliar achatadas, os empregos em constante mutação e defasagem, a tecnologia avançando sobre postos de trabalho anteriormente comandados por humanos e as classes desfavorecidas sendo localizadas ainda mais abaixo das linhas sociológicas de delimitação e localização de pobreza.

E esta família, que está inserida em todo este contexto de sociedade, deposita na escola suas expectativas, ambições, angústias, necessidades e sonhos. E é no contexto familiar que aflora aquele que é o sujeito de toda essa discussão: a criança / aluno(a) – e conseqüentemente o paciente.

Nesta perspectiva, para enlaçar as visões que estão sendo tecidas até aqui, Bazílio e Kramer (2003, p. 92-93) traçam um cenário sobre a nossa contemporaneidade envolvendo os aspectos acima dissertados:

Se, agora, dirigirmos nosso olhar ao mundo que é dado às crianças, o que vemos? Falta de entendimento, ausência de escuta do outro, violência, destruição, morte. Observando o cotidiano no trabalho, na política, nas relações familiares, vemos falta de diálogo e de escuta do outro. Com freqüência, falo de minha perplexidade e assombro diante da exclusão, da discriminação e da eliminação.

E neste contexto que estamos inseridos, é nele que estão as famílias, os professores e os alunos envoltos no espaço escolar de tantas considerações e expectativas ali colocadas.

Nesta perspectiva, portanto, que o fracasso escolar aparece hoje entre os problemas de nosso sistema educacional mais estudados e discutidos. E é nessa perspectiva em que – na maioria das vezes – não se analisa o conjunto de ações que afetam o aluno, que se deflagra o fracasso escolar como sendo, também na imensa maioria das vezes culpa dele tão-somente, inserido ali naquele contexto de produção de conhecimento, concluindo-se que não atende às expectativas, metas e objetivos pretendidos e por isso deverá ser encaminhado para diagnósticos.

6^A PSICOPEDAGOGIA COMO FORMA DE PREVENÇÃO AO FRACASSO ESCOLAR

A partir da proposta inicial de estar tecendo algumas idéias sobre as possibilidades da atuação da psicopedagogia como forma de prevenção para o fracasso escolar, situa-se, nesta parte, o foco no necessário entendimento do que seria a atuação do psicopedagogo dentro desta perspectiva preventiva.

Dessa forma propõe-se inicialmente, uma busca por algumas definições acerca da psicopedagogia com o intuito de estar sensibilizando o olhar para novas possibilidades e

muito menos para obter uma definição definitiva, o que, definitivamente, não é o caso. Assim Golbert *apud* Bossa (2000, p. 19-20) traz a seguinte contribuição:

(...) o objeto de estudo da Psicopedagogia dever ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O enfoque preventivo considera o objeto de estudo da Psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento, enquanto educável. Seu objeto de estudo é a pessoa a ser educada, seus processos de desenvolvimento e as alterações de tais processos. Focaliza as possibilidades do aprender, num sentido amplo. Não deve se restringir a uma só agência como a escola, mas ir também à família e à comunidade. Poderá esclarecer, de forma mais ou menos sistemática, a professores, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nos processos de aprendizagem, sobre as condições psicodinâmicas da aprendizagem, sobre as condições determinantes de dificuldades de aprendizagem. O enfoque terapêutico considera o objeto de estudo da psicopedagogia a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Conforme afirmado acima é importante e necessário que se permita estar em conexão com variadas relações no intuito de entender as possibilidades de abordagem do trabalho psicopedagógico. A contribuição acima vem reforçar, também, a idéia da prevenção na psicopedagogia e mostra como esta deve estar interligada com os olhares da psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, sociologia, antropologia, enfim possibilitando uma conexão contínua com o objetivo de entender o paciente na sua complexidade e ao mesmo tempo na sua singularidade.

São várias as definições de psicopedagogia – ou tentativas organizadas de se conceituá-la – e essas definições foram sendo construídas também ao longo de um processo histórico. Bossa (2000) reitera esse caminho que passou pela concepção de não-aprendizagem, com o foco na falta, posteriormente esse olhar sobre a não-aprendizagem passa a ser identificada como cheio de significados e passa a levar em conta a singularidade do sujeito, buscando esmiuçar características de acordo com a sua relação direta com o meio sociocultural em que está inserido.

E Bossa (2000, p. 22) reitera esta constatação afirmando que:

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma da relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio.

O que Bossa traz é o exercício da visão relacional sobre o sujeito que manifesta suas inquietações no espaço de aprendizagem. E é nesse ponto que se acredita na possibilidade de encontrar um caminho para a estruturação de um trabalho preventivo na sala de aula. O psicopedagogo atuaria em conjunto com o educador no sentido de estar fornecendo

subsídios e elementos estruturais (teórico-prático) para que essa visão abrangente pudesse internalizada por aquele que ali, naquele espaço, exerce a condição de mediador do conhecimento.

O percurso feito minimamente até aqui nos mostra o quanto o momento atual sinaliza para que estejamos todos, profissionais que lidam diretamente com sujeitos, atentos a tudo que está ao redor, que seria o contexto que ele, o sujeito está inserido. Seria isso tarefa tão difícil nos espaços de aprendizagem? Seria isso trabalho tão árduo de se fazer junto às comunidades e familiares do sujeito colocado em questão?

Caminhos. Isso é o que deve se buscar sempre. Através da reflexão constante, da auto-avaliação, da busca por informações, por suporte teórico que possibilite um maior embasamento, segurança no agir, liberdade no mediar e felicidade e realização em poder contribuir de alguma forma em todo o processo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este diálogo aqui construído com algumas idéias e o suporte científico de quem trilhou caminhos mostra que a possibilidade da prevenção do fracasso escolar nos espaços escolares é possível de se realizar. O psicopedagogo estaria atuando diretamente com a função de detectar os principais problemas de aprendizagem que afetam o aluno, mas não é só isso. Dentro desta perspectiva com que dialogamos até aqui, este profissional estaria também mais próximo das relações interpessoais da escola e das mediações entre as famílias, ou seja, a comunidade que está presente nestes espaços de aprendizagem através dos seus filhos.

Além disso, pode exercer importante contribuição no que diz respeito à construção metodológica em forma de orientação e/ou capacitações de acordo com as características dos grupos. Enfim, existem muitas possibilidades de estar atuando como prevenção, orientação e formação.

Como já foi dito anteriormente, este diálogo não terminará por aqui, com certeza muito ainda será construído nestes próximos encontros deste curso de especialização, mas o mais importante é estar envolto no diálogo, na discussão, na pesquisa e na escuta dos que trazem olhares amplos e relacionais.

Para finalizar faz-se necessário a contribuição, mais uma vez, de Bossa (2000, p. 32) sobre a relação do psicopedagogo com a escola:

O psicopedagogo, ainda segundo Janine Mery (1985), respeita a escola tal como é, apesar de suas imperfeições, porque é através da escola que o aluno se situará em relação aos seus semelhantes, optará por uma profissão, participará da construção coletiva da sociedade à qual pertence. Este fato não impedirá que o psicopedagogo colabore para a melhoria das condições de trabalho numa determinada escola ou na conquista de seus objetivos. Mas, em seu trabalho, ele deverá fazer com que a criança enfrente a escola de hoje e não a de amanhã. Esse enfrentamento, no entanto, não significaria impor à criança normas arbitrárias ou sufocar-lhe a individualidade. Busca-se sempre desenvolver e expandir a personalidade do indivíduo, favorecendo as suas iniciativas pessoais, suscitando os seus interesses, respeitando os seus gostos, propondo e não impondo atividades, procurando sugerir pelo menos duas vias para a escolha do rumo a ser tomado, permitindo a opção.

E é justamente com essa vivência, com a busca constante por novos caminhos inseridos sempre num processo de reflexão – e auto-reflexão – sobre a prática, desenvolvendo o espírito crítico em relação à sociedade em que estamos inseridos, que podemos acenar novos caminhos para a educação.

Pensar possibilidades, pensar novos caminhos, olhar a diversidade, focar um conjunto relacional de visões múltiplas que abarquem as ciências em suas mais variadas manifestações, que se permita pensar o mundo com ares de filosofia, enfim que se permita estar mudando, experimentando, vivenciando, buscando a felicidade e fazendo-a possível para aqueles que, no nosso trabalho, na nossa vida, convivemos no cotidiano, para aqueles que queremos, desejamos que se tornem sujeitos – em suas mais amplas definições – sempre livres e felizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil** – Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Fracasso escolar** – um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SILVA, Maria Cecília Almeida. **Psicopedagogia**: em busca de uma fundamentação teórica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

WEISS, Maria Lucia L. **Psicopedagogia Clínica** – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.